

A LIÇÃO DO CAVALO

Temos de levar cavalos a sério. Mais um deles entra para a história. Mas não apenas na história: pode-se ir à própria mitologia e varrê-la do Cavalo de Tróia às asas de Pégaso. Dizem os entendidos em símbolos que este último teria algo a ver com a nuvem portadora da água fecunda e que o cavalo representa tradicionalmente a *impetuosidade dos desejos*, da juventude. Enciclopédias gerais, dicionários de mitologia, de símbolos, de folclore dedicam longos verbetes ao nobre animal e suas relações com os humanos, desde remotíssimos tempos.

Não sei quanto o nosso cavalo terá a ver com tudo isso. Falo, naturalmente, de Baloubet du Rouet que, malgrado o nome afrancesado, tem um coração brasileiro. Hoje em dia está muito difícil se ter coração brasileiro. Para falar a verdade, não há coração que agüente, do jeito que este país vai.

Estamos cansados de globalização, de neoliberalismo sem reciprocidade, de sacrifícios em troca de nada, de corrupção, de impunidade, de incompetência, de mudança acelerada e perda de identidade cultural, ao ponto de nem mais sabermos quais são os valores fundamentais de nossa cultura, enfim, com perda de nós mesmos, de nossa autoconfiança e esperança.

De tudo isso, é um cavalo que parece ter captado o desespero da nação. Se as Olimpíadas de Sydney nos deram o retrato mais claro possível daquilo em que nos estamos tornando, ou já somos, coube ao cavalo o protesto. Sua tripla recusa de saltar a barreira que tantas vezes vencera sem dificuldade, fala e protesta por todos esses heróis brasileiros, tanto os excepcionais moços e moças que ali foram, quanto os que ficaram em casa, se têm casa, ou se ainda têm casa. No fundo, sobrou para o cavalo (e, evidentemente, seu denodado cavaleiro) a responsabilidade de trazer para um Brasil confuso e à deriva uma medalha de ouro que não poderia ser conquistada. Temos de acreditar que é o cavalo que faz o cavaleiro, nas presentes circunstâncias.

Não se pretende confundir uma política cultural dirigista com uma política cultural oportunista. Ainda assim, se fizermos uma projeção à base de dados demográficos de Cuba (11,2 milhões) e do Brasil (164 milhões), uma relação entre anão e gigante em termos de população, o Brasil deveria ter conquistado um total de em torno de 424 medalhas, 161 de ouro, 161 de prata e 102 de bronze. Para se ter uma idéia do que seria a comparação por território (uma piada), esse total brasileiro iria para cerca de 2.235. Ora, diríamos, em termos de medalhas de ouro quem mais as obteve (EUA) não passou de 39. Para tranqüilidade de consciência, se a comparação fosse feita com a Itália, nossa rival do futebol e uma incógnita para as demais modalidades, o Brasil ainda assim deveria alcançar 97 medalhas, 37 de ouro, 23 de prata e 37 de bronze. Não vamos pensar que Deus, mesmo sendo brasileiro, tenha compensado a ajuda que nos dá fazendo os cubanos mais talentosos do que ninguém. O que há de fato é uma enorme diferença entre os complexos sistemas que estão por trás dos desempenhos, sendo particularmente preocupante o compromisso com o povo. O nome desses sistemas seria "cultura", abrangendo sua transmissão ("educação") e tudo mais. Isso não é pilhéria. Não é justo pôr a culpa no cavalo: cansaço pelo esforço do salto anterior, dorzinha por alguma vértebra deslocada, covardia. É muito melhor para a saúde deste País se acreditar que foi protesto mesmo.

Nada entendo de psicologia eqüina. Mas não se pode esquecer que cientistas de valor vêm estudando o comportamento de animais complexos como subsídio ao entendimento de nosso próprio comportamento. Não há mais dúvida quanto à inteligência e à capacidade de aquisição da linguagem entre primatas, por exemplo. A etologia, ciência nova que já propiciou (1973) Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia a cientistas do estudo comparativo do comportamento dos animais, Karl von Frisch, Konrad Lorenz e Nikolas Tinbergen, preocupada com o

funcionamento dos seres vivos em relação ao meio ambiente, ora terá de explicar como o nosso injustiçado Baloubet conseguiu se inteirar das delícias pelas quais passamos nós, seus colegas brasileiros. Reconheço que não é fácil explicar: como soube o Baloubet daquele outro Nicolau, o juiz que tanto nos honra? E das peripécias da réplica da nau de Cabral que eu nem sei dizer se já chegou ao destino? E de tantos outros sucessos e escândalos do nosso dia a dia? Talvez as coisas se explicassem pela mera tremedeira das pernas do cavaleiro ou pelos esgares dos presentes.

Seria talvez o caso, um passo mais radical, de fazê-lo representante, em caráter experimental e temporário (poderia ter mandato renovável mais tarde), num desses organismos de nosso preclaro governo que misturam cultura, turismo e esporte, não tanto órgãos de cultura, mas de indústria cultural, que é outra coisa, movida a cifrão. Gerar empregos, sim. Mas não se há de gerá-los às custas da prostituição dos corpos e das almas, nem pelo ruído de trios elétricos, pois a famosa "indústria sem chaminés" polui tanto ou até muito mais que as outras, necessitando portanto de controle social sem omissão do estado, por mais carnavalesco que este seja. O pior de nossa atual "democracia" sui-generis é que todos se podem queixar, mas nada melhora.

Não nos preocupemos com a questão de precedentes. Há o Incitatus, cavalo de Calígula, que foi por esta gracinha de imperador romano nomeado senador, se não me falha a memória. Já o Bucéfalo, cavalo de Alexandre Magno, não se deu lá tão bem no julgamento da história, levando-se em conta a acepção de "indivíduo estúpido, grosso, cavalo", que o termo bucéfalo adquiriu no passar dos tempos. Nada disso, entretanto, nos deve desencorajar.

Salve, portanto, meu notável e patriótico Baloubet e que alguém te ouça também nos altos círculos. Por enquanto, segue mancando e empacando tanto quanto puderes. Segue sempre, mesmo que sem fé. É contigo e todos os "empacadores" que restam as esperanças não apenas de que este país tome jeito, mas que ainda se tenha tempo para isto; que iludido e fragilizado não se desintegre este Brasil, perca a sua Amazônia e se reduza à mesquinhez conivente que nos reservam.

2/10/2000

Manuel Veiga

Professor emérito da UFBA, etnomusicólogo e membro da Academia Brasileira de Música
mveiga@ufba.br